

Simões, Soraya Silveira.

Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca.

Niterói: Editora da UFF, 2010.

Por Hélio R. S. Silva¹

Objeto por excelência de cruzadas morais, a prostituição há muito ocupa os profissionais da área de saúde, do serviço social e grupos religiosos de diversas confissões. Certa tradição marxista apontou-a, durante muito tempo, como uma das evidências das contradições morais da sociedade burguesa. Há um senso comum que envolve o tema com uma série de classificações como um extravio, corrupção ou degradação da mulher. A clássica oposição mãe-puta, mulher virtuosa-mulher degenerada organiza tal discurso e já foi objeto de vários trabalhos na área da História, Sociologia e Antropologia.

A ironia do epíteto "a mais antiga das profissões" consistia exatamente em sublinhar a persistência histórica de uma instituição ao mesmo tempo tida como periférica, marginal, residual e, talvez, extemporânea.

"Vender o corpo", "mercantilizar a sexualidade" são expressões correntes que vêm suscitando, em encontros de profissionais de sexo, um contundente e curioso contra-argumento: não estaria o intelectual também vendendo seu corpo, ao viver do que produz seu cérebro? Policiais, carregadores, boxeuses, estivadores, não estariam, ao vender sua força física, vendendo seu corpo?

Outras vozes se insurgem contra o discurso de vitimização da prostituta e percebem no métier uma possibilidade profissional entre outras, requerendo a seu modo uma moralidade, compromissos, deveres e obrigações. Tudo isso a serviço do prazer, como, de certa forma, estão também a seu serviço as árduas

¹ Bacharel e Licenciado em História, Mestre em Antropologia Social, Doutor em Comunicação e Cultura (UFRJ). Pesquisador Associado ao Laboratório de Etnografia Metropolitana - LeMetro - do IFCS da UFRJ. Presidente do Instituto de Estudos da Religião - ISER. Professor do Curso de Ciências Sociais do Instituto de Humanidades da Universidade Cândido Mendes- UCAM. Professor aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. E-mail: hrss.voy@terra.com.br

e exigentes tarefas dos inúmeros profissionais que compõem o universo do trabalho vinculado ao teatro, ao cinema, à televisão, ao circo, às casas de espetáculo, às boates.

Esse exercício de relativização dos pressupostos que sempre orientaram o discurso que estigmatizava a prostituição se articula e se exercita num mundo que sofreu o impacto do advento da pílula anticoncepcional, do movimento feminista, da liberação sexual e todo um ideário que, a partir de 1968, parecia infligir sérios golpes à possibilidade de manutenção da hipócrita partição entre o lar e o bordel, a prostituta e a mãe de família.

Parece que as rupturas produzidas pelos movimentos acima - ao invés de favorecerem a erradicação do "expediente hipócrita que legitimava a pureza burguesa", para fazer uso de um discurso caricato que já teve sua vez e sua hora - operaram uma individuação da sexualidade, ou seja, a possibilidade de que esta seja vivida em si mesma e por si mesma.

Estaríamos a dizer que a paisagem em volta não se alterou, e que se fez apenas muito barulho por nada? Talvez não. Há algo de novo, por exemplo, no ar que se respira na Vila Mimosa. Um etnógrafo não fala de tudo, mas talvez possa falar com mais precisão dos estreitos limites de sua tribo, seu grupo de esquina ou, como é o caso, de uma cidade cenográfica para a prática da prostituição. É isso que Soraya Silveira Simões faz.

A autora deste livro - que foi uma dissertação de mestrado, que fora uma pesquisa de campo - se debruça sobre a organização em torno da prostituição, colhe as representações que suscita e que a conforma e reconstitui o cotidiano que a envolve e expressa. Seus detalhamentos esmiúçam o território no qual terminaram por se instalar os egressos e continuadores da antiga zona do mangue, que durante décadas esteve situada entre a Avenida Presidente Vargas e as proximidades do Morro de São Carlos e do Estácio, no Rio de Janeiro. Para que fosse construído o complexo administrativo da Prefeitura, suas profissionais foram, inicialmente, removidas para uma vila da rua Joaquim Palhares, também nas proximidades da Praça da Bandeira. A autora narra as vicissitudes que levaram posteriormente ao último endereço, onde ela realizou sua etnografia. As duas mudanças e as lutas que suscitaram as

tensas relações com o Estado e com interesses de outros grupos integram o material de que Soraya lança mão para caracterizar seu universo, discutir enfim o próprio sentido da profissão ou da possibilidade de que se constituísse enquanto profissão.

O cenário maior das grandes transformações nos papéis de gênero e nas pautas relacionais entre gêneros integra-se a uma luta política pelo direito a um espaço de atuação que conforma o próprio sentido da profissão e termina por reconfigurá-lo. Este último espaço, um cenário cenográfico, enuncia o sentido ou elabora o novo sentido que ganha a profissional do sexo, suas práticas e suas relações com a malha que torna possível o negócio da profissão e estabelece os padrões de moralidade na relação com o cliente.

A essa luta política acrescenta as vozes "isoladas" que falam de sua opção. Reúne depoimentos, registra episódios que revelam - entre outras coisas - como são tênues as fronteiras entre o casamento e a prostituição, entre a esposa e a puta, entre a fidelidade sexual e a mercancia da sexualidade.

Suas histórias estão impregnadas exatamente dessas propriedades ambíguas que fazem a riqueza de uma boa etnografia. Evita as classificações inequívocas, essa disposição sociológica que faz pendant com as rígidas distinções moralistas. Seus personagens são movidos a dúvida e suas cenas se abrem ao leitor em estado de construção. Não percorre um universo social pronto para explicá-lo, interpretá-lo ou analisá-lo. Oferece um cenário em formação, como parece estar tudo que se encena e representa em sociedade. Já se usou a metáfora do teatro para iluminar a cena social. Soraya, em sua prática etnográfica, nos abre outra possibilidade: não se trata de uma cena pronta no palco, mas de cenas que estão sendo ensaiadas, repetidas, testadas, até que o papel se integre ao ator. Sua abordagem caracteriza a profissional a partir de uma decisão envolvendo um projeto que toca numa questão essencial: as tensas relações entre opção, "livre-arbítrio", "natureza", "infortúnio". O cliente parece querer, além do corpo da prostituta, a intimidade de um segredo que dá sentido ao encontro entre os dois: "Por que você escolheu essa vida?" De início, a pergunta frequente e incômoda suscita na prostituta "sentimentos confusos de quem se depara outra vez com algo errado". Com o tempo,

ela compõe para a circunstância um personagem e uma história da qual é vítima. Eis um exemplo de um ensaio no qual, contracenando, os papéis vão sendo inventados.

Tudo isto implica numa extrema liberdade. No espaço do prazer, a etnógrafa impregna seu texto de um princípio fundamental, sem o qual o retrato sairia falso: o princípio do prazer ou o prazer do texto. Soraya integra um grupo raro na etnografia brasileira que vem explorando as possibilidades abertas pela etnografia, evitando didatismos redutores e extraindo o máximo de seus potenciais descritivos e narrativos. E esse máximo se materializa numa peculiar habilidade em flagrar dúvidas, ambiguidades e indecisões de seus personagens. Por isso pode relacionar o contexto político da luta pelo reconhecimento da atividade com as resistências morais (e políticas) do discurso estigmatizador. Essa tensão permanece viva em todo seu relato.

Há aqui um foco sobre um tipo feminino e uma opção profissional, situadas em um contexto específico. Tanta especificidade não encurrala o tema no apêndice da Praça da Bandeira. O texto resulta numa densa reflexão sobre a identidade feminina em nossa sociedade. Alguns valores, certas disposições, determinadas performances fornecem as dobradiças para tais articulações: ciúme, prostituição, casamento, família, circulação furtiva, frequência assídua, intimidade, identidade de clientes e de profissionais, estigmatização e esforço para "se impor".

Os personagens da nova cidade cenográfica estão conscientes de seu valor histórico. Cultivam a memória de personagens, práticas e objetos com fervor museográfico. Essa disposição, ao integrar o discurso ali corrente, dota o espaço de interesse turístico.

A cidade cenográfica construída por Soraya Silveira Simões é um ponto de vista para uma perspectiva histórica, consciente do manancial temático, incorporado às ideias de lazer, turismo e folclore, como salienta a autora. O seguinte fragmento da cena oferece ao leitor uma vívida imagem do que se está a salientar aqui:

Microcâmeras em algumas boates, segurança contratada, salões de beleza, serviços jurídicos, mini-cursos de artesanato

para as prostitutas, academias de ginástica, uma unidade médica e um site na internet, ações voltadas para os problemas de segurança e saúde "[...] a Vila Mimosa ascendeu comercialmente como patrimônio histórico e cultural: 'já tem livro sobre isso aqui, tem história.'"(117-118)

"Sobrevivência" museu, "teatralização, revitalizada, com seus metteurs-en-scène que cuidam do cenário (decoração, iluminação, sonorização) e de um script que produz o detalhamento sem o qual o real não se torna possível e os papéis deixam de ser convincentes. Um espetáculo para o qual são bem-vindos pesquisadores e jornalistas. Ou, como diz um dono de casa local: "isto aqui é um negócio", o que não impede, curiosamente, que gerentes ou velhos donos de casa considerem que "o afã quase exclusivo pelo dinheiro" possa se tornar "um dos fatores que deturpam a prostituição, transformando-a numa atividade violenta e mercenária." Essa memória briga com a disposição básica de nossa sociedade ao contrapor sexo por amor a sexo por dinheiro. Prostituir-se é metáfora corrente para designar, em inúmeras profissões, aqueles que são movidos pelo lucro e não pelo amor ao ofício. Nessa construção retrospectiva da própria prostituição, o que a avilta não é sua natureza intrínseca, mas a corrupção de sua velha índole pela cupidez, que entroniza a pressa, essa conhecida inimiga da perfeição e do *savoir-faire*.

O tema da prostituição arranha outros temas: moralidade pública, sexualidade humana, família, papel social da mulher. Soraya dota seu texto da elegância necessária: elabora formas sintéticas que trazem para a cena todas essas dimensões.

E, ao fazê-lo, contribui decisivamente para uma rediscussão do lugar da prostituição em nossa sociedade. Convida o leitor em seu passeio pela cidade cenográfica da Vila Mimosa para a revisão de um tema secular e para repor em bases mais sólidas as malhas que organizam e agenciam o espaço de sua etnografia e as incursões diárias de seus clientes, que traçam os fios que conectam o pequeno espaço à sua metrópole.